

«TERRA NÃO SE GANHA,
TERRA SE CONQUISTA»

a caminhada
do

MOVIMENTO DOS SEM TERRA DE SUMARÉ III



ORGANIZADORES

Geraldo Stevo Pinto
Nevil Bonachela
José Bernardino
Lourival Gomes da Silva
Alcides Leopoldino de Oliveira
Milton Cardoso da Silva
Bernardo Barbosa
Maria Aparecida Fernandes
Angelo Perugini
Bernardo Maçano Fernandes
Carlos Aparecido Fernandes
Ariovaldo Umbelino de Oliveira
Luiz Carlos Torelho
Eliane Sebeika Rapchan

ASSOCIAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DO ASSENTAMENTO DE SUMARÉ - III

RODOVIA CASTELO BRANCO - KM 101
PORTO FELIZ - SP

FOTOS CEDIDAS:

- JORNAL DOS TRABALHADORES SEM-TERRA
- CORREIO POPULAR - CAMPINAS-SP

ESTA PUBLICAÇÃO FOI REALIZADA COM A COLABORAÇÃO
DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS - AGB
SEÇÃO LOCAL-SÃO PAULO

PRA GENTE SE APRESENTAR

Nossa história começa como muitas outras, mas não termina como essas. Ao contrário, continua. A nossa é a história do trabalhador rural de Minas Gerais, da Bahia, do Paraná, do Espírito Santo, de São Paulo ou de qualquer outro lugar desse Brasil. Grande Brasil com a maioria de suas terras concentradas nas mãos de grandes fazendeiros, grandes grupos empresariais e do capital estrangeiro.

Terras quase sempre improdutivas, servindo apenas como investimento financeiro.

Vamos contar a vida de um grupo de pequenos trabalhadores que perceberam que são incapazes de, sozinhos, enfrentar a dependência das máquinas, do fertilizante, do óleo combustível, dos agrotóxicos, do preço da safra já que o financiamento bancário não é para ele. Esse povo formado pelos Trabalhadores Rurais Sem-Terra são posseiros, diaristas, parceiros, arrendatários, meeiros, assalariados rurais permanentes, boias-frias e também aqueles que foram expulsos do campo para a cidade e que resolveram mudar essa história que até a pouco tinha sido sempre igual.

A única certeza antes era

a luta sol a sol sem qualquer reconhecimento, o analfabetismo, a insegurança, a falta de saúde e muitas vezes comida; talvez a morte num acidente de caminhão voltando da colheita de cana, laranja ou algodão.

Esse é um grupo de pessoas que não se contentou com esse destino e resolveu mudá-lo. Conseguiu.

Queremos contar a história como realmente aconteceu.

QUANDO NOSSO GRUPO SE REUNIU PELA PRIMEIRA VEZ, NASCEU O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA DE SUMARÉ III.

A gente começou a se reunir em 16 famílias. Eram pessoas que tinham conhecido e acompanhado a luta dos grupos I e II que tinham conseguido a vitória de estar assentados na terra.

Nós acreditamos que também podíamos viver a transformação.

Era por volta de abril de 1985 e o grupo ficou se reunindo por uns sete meses.

Nessas reuniões a gente tinha conversas de amigo: falava das dificuldades, das necessidades, da falta de emprego, da falta de capacitação profissional, dos biscates, dos exemplos dos grupos I e II

E foi-se juntando mais gente que vinha de todo o canto. O grupo ia crescendo, ia engrossando. Era gente do Matão, do Jd. Danadae, de Hortolândia, do Jd. Fátima e de Limeira.

ÉRAMOS TODOS DA ROÇA E QUERÍAMOS NELA FICAR.

Só conhecendo
Seu Zé Bernardino
Dona Ana
Bernardo
Lourival
Seu Jesus
Dona Mercedes
Dona Benta
Dona Benedita
a Lia
Seu Zé Pinheiro
Alcides
a Maria Helena

PRÁ VER O AMOR PELA TERRA

Com as reuniões, as conversas iam avançando e a gente começou a entrar em contacto com os representantes do governo ' prá discutir nossa situação já que o desejo de mudar de vida ' crescia e crescia.

Foram muitas as conversas ' com o governo, mas ninguém resolveu nada. Mas ninguém desistiu não, pois quando os Sem-Terra quer não tem quem segure.

Foi aí que o nosso grupo resolveu fazer um acampamento na madrugada do dia 01/11/85 no ' Instituto de Zootecnia de Nova Odessa.

CHOVIA MUITO. E ESSA CHUVA QUE TAVA PRESENTE EM MUITOS MOMENTOS DO GRUPO ACABOU SE TORNANDO SINAL DE BOA COLHEITA, COMO É PRO AGRICULTOR.

Fomos pro acampamento nesse primeiro dia numas 160 pessoas: uns 120 adultos e 40 crianças.

O local escolhido tinha uma área total de cerca de 400 alqueires dos quais nós ocupamos apenas 1,3 alqueires.

AS PRIMEIRAS COISAS A FAZER FOI A CONSTRUÇÃO DAS BARRACAS PARA ABRIGAR O PESSOAL, O PREPARO ' DA TERRA PARA PLANTIO, A COLOCAÇÃO DE UMA CRUZ E DE FAIXAS ' QUE EXPLICAVAM PRO POVO O QUE A GENTE TAVA FAZENDO ALI E O QUE A GENTE QUERIA.

Já era perto do meio-dia ' quando chegou no acampamento o delegado de Nova Odessa, Gilberto Soares de Oliveira Dória acompanhado de policiais para ' fazer o Boletim de Ocorrência.

No dia 5 o grupo já tinha ' plantado milho, feijão, abóbora e até uma horta. O trabalho era todo feito em grupo pois ' assim a gente sabe que é forte. Tudo desde a roça até a cozinha. Todo mundo lutava: homens, mulheres, crianças.

Nesse mesmo dia chegou uma liminar de reintegração de posse pelo juiz Gastão Hilst da 2ª Vara de Americana. Por cau-



sa disso, a gente devia deixar aquela terra em 24 horas.

As autoridades diziam ape - nas que não iam negociar nada' com os acampados Sem-Terra e que só estavam dispostos a fazer esclarecimentos. Iam tirar dali aquelas famílias nem que fosse com a polícia.

E todo mundo cansado daque - las conversas sem resultado. ' Conforme os homens do governo, a terra do Instituto de Zotec - nia tinha que ser desocupada ' porque lá iam fazer uma Esta - ção Experimental para Pesquisa Pecuária, mas todos sabiam do' abandono daquelas terras há ' muito tempo pelo governo e que elas não tinham uso social.

SÓ PORQUE SOMOS LAVRADORES NÃO TEMOS O DIREITO DE SER ORGANI - ZADOS? HOUE UM TEMPO EM QUE ÉRAMOS ENGANADOS? MAS DE TANTO SOFRER APRENDEMOS A NOS UNIR.

Foi aí que uma comissão de' negociação se deslocou para Ja - guariuna-SP onde estava acon - tecendo a inauguração do Cen - tro Nacional de Defesa da Agri - cultura da EMBRAPA (Empresa ' Brasileira de Pesquisa Agríco - la). Apesar do cerco policial, nosso grupo chegou até o Minis - tro e o Secretário da Agricul - tura, conseguindo uma concessão de 6 dias para sair do Ins - tituto de Zootecnia.

O novo prazo era 11/11/85.

Nos reunimos em assembléia'

e decidimos sair de lá e acam - par no Trevo da Bosch antes que a polícia viesse e expulsasse' a gente.

LOGO NO COMEÇO A POPULAÇÃO PEN - SOU QUE A GENTE ERA CIGANO E AS MÃES PASSAVAM COM AS CRIAN - ÇAS POR ALI COM MEDO E APRES - SADAS.

E nem a Dersa (Desenvolvi - mento Rodoviário S/A), que era proprietária da área, ligou.

Por uns quatro ou cinco dias ninguém apareceu. Depois vieram funcionários da DERSA prá saber o que acontecia. Logo veio uma outra liminar de expulsão que' foi negociada por tempo inde - terminado.

O TEMPO DO ACAMPAMENTO FOI MUI - TO SOFRIDO. MUITO CALOR E POEÍ - RA DEBAIXO DA LONA PRETA DOS ' BARRACOS. ERA FALTA DE ÁGUA E AS CRIANÇAS DOENTES DE DISEN - TERIA E DESIDRATAÇÃO.

O que salvou a gente muitas vezes foi a ajuda das comuni - dades de Campinas, de Sumaré , de Indaiatuba, de Limeira, de Santa Bárbara, de Osasco, de Santo André, Mauá e São Paulo' que traziam comida até em paco - tinhos de meio ou um quilo. E junto com a comida, as roupas, os remédios muito apoio e soli - darietàade.

Do tempo de acampamento mui - to sofrimento e muita lição.

Na época do Natal, a gente'



fez o Natal dos Sem-Terra. Botamos uma faixa na entrada do acampamento dizendo: "Venha passar o Natal com a gente." Montamos um presépio de bambu. Com as crianças, foi feito um presépio vivo e o menino Jesus foi o filho do Milton e da Eva que tinha nascido entre a gente, lá no acampamento. Veio muita gente nos visitar.

E cada um com sua luta tentando animar o outro.

Como a dona Ana, a mãe do Juruninha que era cortadora de cana, antes de entrar para o movimento, trabalhadora volante e que foi para o acampamento com os 09 filhos enquanto o marido dela, o seu José, trabalhava no Mato Grosso, numa fábrica de cimento, num regime bem duro. O Juruninha que, pequenininho, ajoelhava, juntava as mãozinhas e rezava prá agradecer o pão que recebia.

Ou a dona Benedita e as filhas que acreditaram na luta desde o começo e, antes dos homens, acabaram convencendo toda família a lutar pela terra.

Cada um com sua história, foi se juntando prá fazer juntos uma história só.

Nosso grupo ficou acampado por mais de 4 meses e ninguém viu nenhuma solução. Aí a gente resolveu fazer duas caminhadas: uma menor do Trevo da Bos

ch até a Catedral Metropolitana de Campinas que durou 2 horas. Foi no dia 12/02/86, dia da abertura oficial da Campa - nha da Fraternidade: "Terra de Deus. Terra de irmãos"

JÁ NOSSA SEGUNDA CAMINHADA FOI BEM MAIOR E PRECISOU DE UM MÊS DE PREPARAÇÃO. FOI A 1ª MARCHA ESTADUAL PELA REFORMA AGRÁRIA.

Participaram na caminhada aproximadamente 250 pessoas contando os acampados do grupo III, as crianças, os grupos de apoio e as pessoas dos grupos I e II que acompanharam toda nossa luta. Mais aquelas pessoas das cidades que acompanharam a gente durante trechos do percurso, mostrando solidariedade e somando alguns momentos 700 pessoas.

FOI A "CAMINHADA CAMPINAS-SÃO PAULO: 100 KM PELA REFORMA AGRÁRIA", QUE DUROU 4 DIAS.

Prá que tudo desse certo, formamos comissões de alimentação, de segurança, de organização (inclusive para controlar os horários), de saúde, de animação prá gente cantar e não se entregar.

A saída foi no dia 01/03/86 às 5 hs da manhã do Trevo da Bosch (Km 98 da Via Anhanguera) e as faixas: "Queremos terra para quem nela trabalha", "No solo brasileiro, reforma agrária como solução de crise", "Assim se faz reforma agrária",

informavam prá todo mundo o que é que estava acontecendo.

Estavam assim definidas as intenções da caminhada:

-Sensibilizar a opinião pública quanto ao problema dos Sem-Terra no Estado de São Paulo;

-Desmascarar o projeto de reforma agrária da Nova República;

-Conseguir terras para os acampados da região de Campinas.

E foi assim o percurso da passeata:

No primeiro dia andamos 35 km. Só paramos às 13hs para comer, descansar uma meia hora e retomar a caminhada. A tarde foi de chuva, mas nada parava a gente. Pousamos em Guarada - douro numa capela cedida pelo padre local. No segundo dia andamos 25 Km. A DERSA acompanhou todo nosso percurso de estrada e tudo correu muito bem. Entretanto, nesse dia, um ônibus de turismo que passou na estrada jogou pela janela uma garrafa que feriu duas crianças que foram medicadas pela equipe de saúde. Nós fechamos as duas pistas da Anhaguera e exigimos ação da polícia. O ônibus foi detido pela polícia para apurar o responsável e 6 pessoas foram presas. Nesse dia, dormimos em Jordanésia, num ginásio de esportes cedido como alojamento pelo prefeito.

Mesmo assim muito pé inchou e doeu.

Em todo o percurso ocupamos apenas uma das pistas, a não ser no acidente do ônibus, mas nos dois últimos quilômetros, a Rodovia Anhanguera foi totalmente ocupada pelo nosso grupo. Já dentro de São Paulo, a gente parou duas vezes: uma na Praça José Roberto (na City Lapa) e outra, a última, no Palácio dos Bandeirantes. Aí juntaram-se à nossa caminhada trabalhadores urbanos, comunidades da região do ABC, sindicatos, gente de movimentos populares.

DURANTE A PASSEATA VOCE OIHA VA PRÁ TRÁS E VIA AQUELA MULTIDÃO. UNS MANCANDO, OUTROS COM PÉ ENFAIXADO, MAS TODOS CANTANDO.

As crianças de 3 a 10 anos viajaram quase o tempo todo no ônibus da equipe de saúde que acompanhou todo nosso percurso.

E quando a gente perguntou prá uma criança de dentro do ônibus por que é que ela fazia aquela vida de luta, sabe o que ela respondeu? Ué, tia; porque meu pai quer a terra.

Tem muita história ainda. Tem a de dois senhores que



começaram a se sentir mal e entraram no ônibus para serem examinados pelo médico. Foram aconselhados a voltar prá casa. Não volto não. Prefiro morrer do que voltar prá casa sem solução. E seguiu o resto da viagem no ônibus.

Muitas vêzes o cansaço e o silêncio eram grandes, mas logo vinha uma música e o povo se reanimava: "Povo que luta, cansado de sofrer, cansado de esperar..."

Na chegada ao Palácio dos Bandeirantes, olha a chuva de novo e o povo gritava: "Reforma Agrária- JÁ", "O povo tá na rua e a luta continua".

Apesar da chuva, do cansaço e da fome o grupo teve que esperar duas horas prá ser atendido e ainda por cima só que - riam deixar entrar no Palácio a comissão de negociação. Mas conseguimos que todo grupo entrasse no Teatro de Arena. Não foi o governador que falou com a gente. Ele mandou um secretário que veio negociar com todo mundo e que pediu 15 dias para apresentar uma solução. No dia marcado, a comissão de negociação voltou para São Paulo para obter a resposta do governo. Todo mundo tava muito ansioso.

OUVIMOS DA ESTRADA UM FOGUETÓRIO. PESSOAL, LÁ VEM NOSSA TERRA, A TERRA É NOSSA. E OS OLHOS SE ENCHERAM DE ÁGUA COMO DISSE UM COMPANHEIRO:" OS

OLHOS CHEIOS D'ÁGUA, SONHAM terra liberta, TERRA SEM CERCA, CONTÍNUA COMO A ESTRADA".

Estamos agora bem perto da terra prometida, uma terra conquistada e não ganha, simplesmente.

Era semana santa e fizemos uma celebração no acampamento. Foi uma festa durante uns três dias.

A terra era em Porto Feliz. Uma área da CAIC (Companhia Agrícola, Imobiliária e Colonizadora) que foi desapropriada, na qual o grupo vai ficar por 5 anos até a decretação da posse definitiva.

A princípio, a posse é provisória. Teremos que demonstrar nossa capacidade de trabalho para termos a posse definitiva.

A DERSA mandou 4 ônibus e 6 caminhões prá levar a gente prá terra. O transporte durou 3 dias. Era sábado de Aleluia, dia 30/03/86.

Chegando na terra era um campo só. Demarcaram os lotes e já fundamos o centro comunitário que se chamou Centro Comunitário São José, porque era perto do dia de São José.

A área total da terra é de 568 alqueires e já existem 280 alqueires cultivados.

Fundamos a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do



Horto de Jupira II.

Moram na área atualmente 68 famílias.

O assentamento está organizado em 5 grupos para o cultivo da terra e cada grupo é formado por 10 a 15 famílias.

O TRABALHO NA TERRA É COMUNITÁRIO; SENDO QUE A DIVISÃO SÓ SERVE PARA QUE CADA FAMÍLIA FIQUE RESPONSÁVEL POR UMA PARTE DA PRODUÇÃO.

A Associação fica responsável pelos financiamentos, venda da produção, compra de insumos, negociações. É bom lembrar que nossa intenção é vender nosso produto direto ao consumidor.

E agora a gente tá aí, mostrando para o governo que a gente não queria a terra de brincadeira. E a luta da gente não vai parar por aqui. Porque o movimento não é ter uma casa com quatro paredes, é participar.

O grupo já conseguiu, inclusive, comprar um trator através do Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba. E ele já tem ajudado bastante no trabalho da gente.

Prá ver tudo isso de perto é só ir até o Km 101 da Rodovia Castelo Branco e ver a alegria das crianças brincando na lagoa ou no campo de futebol,

ou o brilho nos olhos de quem continua lutando e só quer que todos possam trabalhar na terra e tenham segurança para subsistir nela.

Assim se caminha prá uma nova sociedade.

Essa terra é nossa.



“TERRA NÃO SE GANHA, TERRA SE CONQUISTA” PORTO FELIZ-SP